

## **Reminiscências históricas: a oralidade como ferramenta de construção da memória dos espaços urbanos de Campina Grande**

Robéria Nádia Araújo NASCIMENTO<sup>1</sup>  
Antonio Carlos de S.S. ANDRADE<sup>2</sup>  
Carla Cordeiro de OLIVEIRA<sup>3</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho, a partir de um enfoque de natureza interdisciplinar, busca produzir uma interface entre comunicação e história para compreender as possíveis interações entre pessoas e espaços urbanos. Através de uma pesquisa de campo, que utilizou a técnica de entrevista para a coleta de dados, visa conhecer como se dão as relações cotidianas entre os idosos na Praça da Bandeira e no Calçadão da Rua Cardoso Vieira, conhecidos em Campina Grande não apenas como locais de passagem no centro da cidade, mas ambientes de encontro de gerações, lugares de memória, individual ou coletiva. Os resultados mais significativos apontam que a sociedade conserva seus hábitos e tradições, ainda que as novas tecnologias de comunicação afastem os indivíduos dos contatos interpessoais. Através dos relatos dos idosos, percebemos que os espaços urbanos mais do que nichos de proximidade física, representam simbolismos que resistem ao tempo, narrando a história e o passado da cidade.

**Palavras-chave:** Memória. Oralidade. Espaços urbanos. Identidade.

### **Abstract**

This paper, from an interdisciplinary approach, seeks to produce an interface between communication and history to understand the possible interactions between people and urban spaces. Through a field study, which used the interview technique for data collection, seeks to know how to give everyday relationships among the elderly in the Flag Square and Boardwalk Street Cardoso Vieira, known in Campina Grande not only as places crossing in the city center, but against generations, places of memory, individual or collective environments. The most significant results show that the company retains its habits and traditions, even if new technologies of communication

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Curso de Comunicação Social da UEPB. Email: rnodia@terra.com.br

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da UEPB. Email: antoniocssandrade@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da UEPB. Email: carlacordeiro010@gmail.com.

divert individuals from interpersonal contacts. Through the reports of seniors, we realize that urban spaces more than niche physical proximity, represent symbolisms that resist time, chronicling the history and the city's past.

**Keywords:** Memory. Orality. Urban spaces. Identity.

## Introdução

A memória é a capacidade do ser humano de registrar, armazenar e manipular informações provenientes da interação existente entre o corpo, o cérebro e o mundo circundante. Trata-se do acúmulo de fragmentos e lembranças resultantes das vivências em sociedade. Relacionada com o constante aprendizado da vida social e os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, a memória é o resgate de múltiplos saberes que compõem o nosso repertório cognitivo, sendo um mecanismo acionado voluntariamente, ou não. Endel Tulving, um dos líderes da pesquisa sobre memória, definiu-a como uma “viagem mental no tempo”, ou seja, lembrar o que aconteceu no passado é o mesmo que reviver esse passado no presente, considerando que os momentos de antes configuram o dia de hoje e influenciam o rumo do amanhã, a partir da história social individual ou coletiva.

Os meios de comunicação, em especial os periódicos, são formadores da opinião pública, construtores de discursos que relatam tanto o presente como o passado, uma vez que se configuram enquanto relatos de informações do cotidiano. Alguns autores entendem os jornais como formadores e armazenadores de memória social, no sentido de que constituem arquivos e registros históricos, possibilitando a diversas gerações conhecimentos de fatos relacionados a determinados contextos. Assim, de acordo com Pierre Nora<sup>4</sup>, os jornais podem ser pensados como “lugares de memória”. Segundo a visão desse autor, as sociedades também precisam criar arquivos e museus para que suas histórias sejam armazenadas e preservadas. Assim, os meios de comunicação, por possuírem espaços privilegiados no arquivamento e na produção da memória

---

<sup>4</sup> Pierre Nora é um historiador francês, referência no estudo das categorias memória e identidade, definido como um historiador da "História Presente", ou seja, interessado no estudo de objetos da atualidade. Na sua visão, a preservação da memória nacional requer um inventário dos lugares onde ela se faz presente: símbolos, narrativas, festas, emblemas, monumentos, dicionários e museus.

contemporânea, favorecendo o acesso a diferentes dados históricos, possibilitam uma “volta” ao passado que nos permite compreender as configurações de diferentes sociedades.

Entretanto, além dos registros escritos, diversos ambientes têm a capacidade de proporcionar a algumas pessoas essa condição de reter o tempo, servindo de palcos para grandes recordações que constroem a história, seja ela individual ou coletiva. Guardam em si dispositivos capazes de acionar lembranças que podem ser narradas através da oralidade, daí serem entendidos como lugares de memória. Dessa forma, as narrativas orais se tornam eficazes na preservação da história social, pois através delas é possível se ter acesso a fatos que não foram documentados ou capturados através de livros, fontes oficiais ou lentes.

O lugar de memória supõe, para início de jogo, a justaposição de duas ordens de realidades: uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história. A noção é feita para englobar ao mesmo tempo os objetos físicos e os objetos simbólicos, com base em que eles tenham ‘qualquer coisa’ em comum (NORA, 1993, p. 63).

Assim, buscamos conhecer, na cidade de Campina Grande, espaços que se mostram “simbólicos” no registro da história local, em função de reunirem diferentes gerações que mantêm laços interpessoais e compartilham narrativas sobre o cotidiano. A escolha do público entrevistado e desses ambientes parecem se justificar pela riqueza de significações impetradas a eles, dada à subjetividade que os permeiam. O Calçadão da Rua Cardoso Vieira e a Praça da Bandeira foram cenários de grandes acontecimentos e manifestações culturais, como os eventos promovidos pela extinta Rádio Borborema, os comícios, as apresentações artísticas populares e os bingos beneficentes. Até hoje, aproximam tanto os idosos quanto pessoas sem ocupação profissional, que se encontram para comentar os fatos do dia a dia, as partidas de futebol, as perspectivas políticas, em meio aos vendedores ambulantes que oferecem diferentes produtos a um extenso número de indivíduos que transitam por ali.

A partir da exploração da memória do público idoso é possível enxergar as reminiscências dos meados da década de 1960, como também perceber a interação interpessoal e os laços de afeto que se constroem entre essas pessoas que fazem da

oralidade uma ponte para a convivência. Desse modo, com a proposta de discutir o papel das narrativas na construção da memória social, este texto relata uma pesquisa empírica com a expectativa de contribuir com o campo da comunicação em suas interfaces com o conhecimento histórico, trazendo algumas imagens dos locais mencionados.

## **Opções metodológicas: oralidade, subjetividade e memória social**

Privilegiando o público idoso, por se tratar de um grupo social com bastante acervo de memória histórico-cultural, utilizamos a técnica da entrevista para a coleta de relatos orais, por compreender o valor da narração e da palavra como agentes enunciativos de sentimentos e sociabilidades. Tais relatos permitem a percepção de diversos componentes que envolvem a memória individual ou coletiva, revelando para as próximas gerações acontecimentos constitutivos de suas identidades. A escolha dos pesquisados faz sentido por que:

Trabalhar com idosos utilizando a história oral como recurso é privilegiar a história subjetiva do pesquisado, permitindo o acesso às experiências não documentadas. O pesquisador exercita desta forma, a arte de ouvir, pois toda experiência vivenciada por um sujeito comum. E isso enriquece a experiência tanto para o pesquisador como para o pesquisado (WHITAKER; VELOSO, 2005, p. 70).

A coleta de relatos orais tem como características fundamentais a simplificação no processo de conhecer uma dada realidade e a inclusão social, visto que não é preciso um grande aparato técnico para se obter resultados, e pela fala humana ser considerada um dom universal. Portanto, de maneira democratizada, ganham voz nas pesquisas os iletrados, marginalizados, operários, negros, mulheres e minorias. Para Pollak (1992):

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade (POLLAK, 1992, p. 03).

Essa metodologia requer uma relação de confiança mútua entre pesquisador e pesquisado, pressupondo uma parceria que culminará com o registro das memórias resgatadas e expressas pela fonte. Assim, seu objetivo é reunir material de pesquisa para as gerações futuras, uma vez que trabalhos dessa natureza registram a história de uma sociedade através dos próprios sujeitos que a elaboram, sendo esses pertencentes a diversos contextos:

As entrevistas de história oral permitem explorar aspectos de experiências históricas raramente registradas, como as relações pessoais e interpessoais, possibilitando que as pessoas, pertencentes a categorias sociais, geralmente excluídas da história oficial, possam ser ouvidas deixando registradas para análise futura sua própria visão de mundo e aquela do grupo social a que pertencem (WHITAKER; VELOSO, 2005, p. 70).

A escolha do que vai ser dito passa antes pelo processo de recordação. Na dinâmica da fala é então selecionado aquilo que tem mais relevância para ser digno de uma narração. Quando as pessoas são marcadas por grandes acontecimentos, esses se tornam parte da vida dos indivíduos, podendo ser evocados em qualquer circunstância. Dependendo da fonte, o processo de coleta de relatos orais tende a se estender, ao passo que, quanto mais se aprofunda a exploração, mais se adentra em um terreno fértil de lembranças, que irão desencadear outras, e assim sucessivamente.

O procedimento de encadeamentos suscita o próprio relato, consagrando o ato de contar, de narrar como ato vital para as pessoas idosas. O próprio exercício da prática da oralidade introduz uma espécie de embriaguez da palavra, em que a referência ao futuro é de distância, pois ele aparece sempre envolto de bruma. Quanto à referência ao passado, restitui o próprio funcionamento dinâmico das pessoas idosas no presente. Isto é, o relato de vivências ocorridas no passado, faz com que o presente seja ativado ou reativado, caracterizando assim os relatos de história de vida (WHITAKER; VELOSO, 2005, p. 74).

De acordo com as autoras, as lembranças são recriadas a partir de aspectos psicológicos individuais, como também das precedentes experiências que as originaram. Desse modo, a narrativa e o mítico se inscrevem na vida dessas pessoas, cuja história e vida cotidiana formam um imaginário que é constantemente realimentado.

O passado é uma reconstrução e uma reinterpretação constante, sendo assim, fatores internos e externos, particulares e coletivos, se associam às regras culturais e ressignificam o conceito de tempo vivido. Porém, as autoras salientam que o tempo, nesse processo, não é representado como o intervalo entre dois ponteiros, como ocorre

no relógio, mas sim como uma etapa endógena e subjetiva, com particularidades inerentes a cada indivíduo.

Entendemos como tempo vivido, um tempo subjetivo, afetivo, que marca uma impressão temporal no interior do sentimento. O sentimento é afetivamente elaborado e colocado em forma graças ao discurso, à narração que o sujeito faz. Quando isso é conseguido a palavra ocupa um lugar de evidência para efetuar o tempo, a duração, a evocação da memória, e ainda a história do indivíduo, todos estes movimentos implicam um tempo crônico. O tempo crônico é um tempo objetivo, resultado dos dados físicos e cósmicos, portanto, exterior aos homens. Mas, ao mesmo tempo, é também um tempo humano, pois os homens são convidados a se adaptarem a ele (WHITAKER; VELÔSO, 2005, p. 77).

## **Espaços urbanos como construtores de memória**

Esses espaços chegam a ser confundidos pelos nossos entrevistados. A memória num momento transita pelo Calçadão, em outro pela Praça da Bandeira, deixando bastante evidente a falta de fronteiras entre um lugar e outro. No perímetro situado entre ambos é possível encontrar ainda a Praça Clementino Procópio, lembrada por um dos entrevistados como a “Praça da Mãe”, por conter uma estátua de alusão à maternidade. Ali é possível encontrar outro monumento fazendo referência a Theodósio de Oliveira Lêdo. Os Oliveira Lêdo são nomes marcados na história como os pioneiros no processo de ocupação da Serra da Borborema. Atribui-se a essa família grandes disputas territoriais, implantação da cultura agrícola na região e de certa forma a iniciação do processo de urbanização da denominada “capital do trabalho”.

Não há consenso entre os historiadores sobre a data exata do povoamento de Campina Grande, e nem mesmo sobre como a região começou a ser habitada. Pesquisadores contemporâneos contestam a versão oficial difundida durante décadas que aponta Theodósio de Oliveira Lêdo como fundador da aldeia que teria sido, em 1697, o embrião que originou a cidade. Indícios sugerem a presença de índios Kariri em Campina Grande, muito antes do “colonizador” chegar às suas terras.



Figura 1: Monumento em homenagem a Theodósio de Oliveira Lêdo, a Praça Clementino Procópio.  
Fonte: Wikipédia

A construção da memória, seja ela coletiva ou individual, passa antes pelo processo de sociabilidade inerente aos espaços urbanos. Edificações, áreas verdes, praças e monumentos são pontos de encontro e interação entre as pessoas. Em Campina Grande, dois lugares são destaques quando nos referimos a atividades de interação humana: a Praça da Bandeira e o Calçadão da Cardoso Vieira. Espaços dessa natureza configuram-se como suportes capazes de reativar a memória individual ou coletiva a partir de aspectos físicos e culturais que se entrelaçam nesses ambientes.

A Praça da Bandeira possui uma área de 3.550 m<sup>2</sup> e seu nome foi escolhido em homenagem a um dos símbolos nacionais. Construída durante a gestão do prefeito Vergniaud Wanderley, a área já passou por diversas transformações, tanto de ordem física, como de ordem cultural. Já o Calçadão da Cardoso Vieira foi criado pelo então prefeito Evaldo Cruz no início dos anos 80. Também sofreu algumas modificações, tomando parte do que hoje são as ruas Maciel Pinheiro e Venâncio Neiva. Em uma nova reforma realizada durante a gestão do prefeito Félix Araújo, o Calçadão foi reduzido, retornando para o seu antigo local, a Rua Cardoso Vieira.

As apropriações dos espaços urbanos se dão por formas específicas de representação. A história está descrita em livros, recortes de jornais, reportagens de TV podendo ser acessada a qualquer momento mesmo décadas depois. Lida com a mudança e o tempo, aspira durabilidade, reconhecimento e estabilidade discursiva, tanto no

tempo presente como no futuro, possibilitando resgatar as marcas do passado. Os acontecimentos se tornam vivos por narrativas que os dotam de permanência, o que possibilita a frequente busca e retorno ao passado de espaços urbanos, ainda que estes sofram as transformações inerentes à velocidade do tempo presente.

A memória se dá a partir da construção do lugar para cada indivíduo, remotando a momentos que podem não ter sido captados por lentes. Marcando a historicidade, a memória está ligada aos depoimentos e à visão de quem estava inserido no local. Hallbwachs (1994) assinala que todo indivíduo que rememora algo por ideias, palavras e imagens se enquadra em um determinado meio social, temporal e espacialmente demarcado. Esse processo faz emergir uma memória social, relacionada com a vida coletiva, implicando um conjunto de lembranças que remetem aos espaços urbanos onde houve interação com fatos e diferentes indivíduos.

A ritualização dos frequentadores é outro fator importante na construção da memória, e entenda-se por ritualização, a prática rotineira de se fazer presente em um mesmo local por um longo período de tempo, sendo necessária a presença de um espaço físico onde sejam ancoradas as atividades interacionais. Essas são a base da memória coletiva. Evocando sempre o passado e projetando perspectivas do futuro, a construção da memória coletiva extrapola a barreira da subjetividade para se tornar uma ferramenta identitária, que demarca experiências vividas em coletividade.

Michael Pollak<sup>5</sup> defende a ideia de espaços físicos como provocadores e colaboradores na construção da memória, citando inclusive os monumentos aos mortos como ponto de memória coletiva. Em nossa pesquisa observamos que um monumento construído em uma Praça de Campina Grande em memória a um homem ilustre também é citado nas narrativas. Assim, bustos e estátuas são comuns quando se quer petrificar determinada personalidade pela sua atuação na sociedade, numa forma de tornar perene a presença de ícones sociais em nosso meio e de certa forma rememorar suas ações, que foram dignas de registro.

Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma

---

5 Michael Pollak realizou pesquisas relacionadas a diversos campos, que confluíam para uma reflexão teórica sobre o problema da identidade social e seus desdobramentos na sociabilidade e na história de gerações.



relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela (POLLAK, 1992, p. 03).

“Lugares de memória” (NORA, 1993) não detêm em si a capacidade de por si só construir a memória coletiva, é preciso incidir sobre esses espaços uma carga emotiva de simbologia para que eles cumpram com a sua razão fundamental de ser, que é parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial e prender um máximo de sentidos num mínimo de sinais. Para o historiador, esses lugares não são apenas territoriais, pois incluem do objeto material e concreto ao mais abstrato, simbólico e funcional, simultaneamente e em graus diversos, aspectos que coexistem e contam significados particulares.

Interpretando esse pensamento, podemos entender que esses lugares transmitem ritos para uma sociedade que não se prende a eles, perpetuando-se, sendo mantidos por uma sociedade que necessita desses lugares para preservar suas memórias. A descaracterização de comunidades tradicionais que eram baseadas na oralidade para a transmissão das suas origens, seja pela evolução industrial e urbana, globalização, midiaticização e o distanciamento entre a memória verdadeira, social e intocada, ditas de comunidades arcaicas ou primitivas, permite que esses espaços sejam agentes do processo de construção da memória social.

## **Praça da Bandeira: histórias que o tempo não apaga**

Essa praça é um dos pontos marcantes e históricos de Campina Grande. Situada no centro, virou referência da cidade, sendo visitada até mesmo pelos turistas. Ponto de encontro entre amigos, dos jovens aos adultos, é lugar de interação social. Todos os dias inúmeras pessoas passam por este local, seja para frequentar algum café, ir às bancas de revistas ou simplesmente sentar e contemplar o movimento ao redor. Os senhores da denominada “melhor idade” fazem do local o cenário perfeito para suas partidas de dama enquanto conversam, sorriem e observam a pluralidade das pessoas.

Este local guarda grandes histórias e memórias de Campina Grande: a “Chacina da Praça da Bandeira” foi um dos marcos da década de 50 na Rainha da Borborema. Muitos dos que viveram essa época se recordam do dia 9 de julho, quando a cidade

recebia figuras ilustres da política para a inauguração do então novo prédio dos Correios e Telégrafos em plena campanha eleitoral. Um palanque montado foi espaço para um showmício com grandes nomes da música convidados para a ocasião, na qual a oposição da UDN (União Democrática Nacional), liderada por Argemiro de Figueiredo, iniciou passeatas. Contudo, o clima de festa foi interrompido por uma pancadaria generalizada. O tumulto envolveu a participação popular e a polícia militar, cuja consequência registrou 3 mortes, 20 feridos gravemente e outros tantos feridos.

Instalada em Campina Grande no ano de 1949, a Rádio Borborema se localizava no Edifício São Luiz, que até hoje tem sua arquitetura original preservada. Na esquina do Calçadão da Cardoso Vieira com a Rua Venâncio Neiva, a rádio ocupava os dois andares do Edifício, onde era possível encontrar escritórios, um estúdio, uma sala de controle e um auditório para a execução de programas de entretenimento.

Nosso entrevistado, o aposentado Genaldo dos Anjos, compartilha suas lembranças:

Eu frequentava por aqui também no tempo da rádio, era aqui nesse prédio, naquele tempo eu acho que eu tinha talvez a idade de vocês e eu frequentava a Borborema e os artistas que tocavam na época e vieram aqui. Tinha quase que semanalmente programas com grandes artistas como Nelson Gonçalves. Eu gostava muito daí, eu gostava tanto que um dia disseram “o senhor vai entrar e não vai pagar mais”(Entrevista na Praça da Bandeira, no dia 05 de maio de 2014).

Há muitos anos, a Rádio Borborema promovia eventos musicais na Praça da Bandeira com grandes nomes da época: Jararaca, Ratinho, Venâncio, Gorumba, cantores e compositores que formavam a pré-história do forró, inspiração musical de artistas populares como Biliu de Campina. A praça era movimentada pelas casas de lanches (hoje, vários carrinhos mantêm essa tradição gastronômica no local), que lotavam em dias de eventos como bingos e comícios que aconteciam em frente ao prédio dos Correios. O artista Biliu de Campina, que também participou da pesquisa, relatou as memórias e histórias marcantes dos muitos anos em que passa pelo local todos os dias:

Tenho boas recordações dessa praça, depois foi sofrendo as transformações, muda de administração e vão urbanizando mais, fizeram o púlpito, veio o Juscelino pra cá. Então, aqui é muito disputado, tanto a Praça da Bandeira como a Clementino Procópio. A Clementino tem um monumento de Teodósio de Oliveira Ledo, e os vascaínos acham que é de Vasco, mas não

tem nada a ver, é de Teodósio mesmo! (Risos). Minha infância foi por aqui, era muito movimentado, sempre foi na verdade, e hoje é claro há uma dinâmica maior, mais ocupada por estudantes. Tem uma parte pros camelôs e tem a Praça de Alimentação na parte noturna e assim por diante. Mudanças e transformações ao mesmo tempo, além da praça de táxi que existia por aqui, aí abriram a Marquês do Herval, quer dizer interromperam, pra poder passar aqui em frente aos Correios. Bifurcaram a rua porque aqui era uma mão só descendo a avenida que saía do lado do Capitólio, aí teve essa mudança na praça, aumentando um pouco o movimento (Entrevista na Praça da Bandeira, no dia 05 de maio de 2014).

A construção da memória parece ser um fenômeno individual, no entanto a construção dessas memórias também se dá de forma coletiva, na vivência cotidiana onde a interação com lugares, acontecimentos e os personagens compõem os elementos constitutivos dos ambientes. Quando um indivíduo é entrevistado e provocado sobre algo que já vivenciou, nota-se que vai buscar no seu acervo mental momentos de relevância, passando a descrever as pessoas inseridas nos acontecimentos, o cenário do ocorrido, acontecendo assim uma visita às lembranças do passado para relatos do presente. O cantor Biliu de Campina, “que mora e vive no centro da cidade”, como afirma, relatou outras mudanças na praça do seu passado, que hoje também é conhecida entre os mais jovens como “Praça dos Pombos”:

O Correio permanece o mesmo, é claro. A vida noturna aqui sempre melhorou, e teve uma melhoria também com relação ao abrigo, que o abrigo daqui era resumido só ao abrigo Maringá, que era na Praça Clementino. Aí fizeram outro e depois passou por algumas transformações. Aliás, aqui ainda tem uma coisa que a turma reivindica faz mais de meio século, que é a questão de banheiros. Um certo apoio social que não tem, nunca nos projetos se conta isso. Só o povo sabe que aqui precisa de uma reforma muito grande e que precisa podar algumas árvores, substituir algumas árvores e reduzir significativamente o número de pombos. Eles só transmitem doença, pombo chega a embelezar um pouco e essa beleza é emporcalhada com a imagem das doenças que ele transmite, principalmente para as crianças. Quer dizer, tem que fazer uma mudança bem radical com relação a esses pombos, porque chegou a um ponto que saturou, tem mais pombo do que praça, tem mais pombo do que desocupados, do que fuxiqueiro, do que os “habitueiros” aqui da praça (Risos). (Entrevista na Praça da Bandeira, no dia 05 de maio de 2014).



Figura 2: Praça da Bandeira do alto das lentes do fotógrafo.  
Fonte: Blog Encantos e Sabores do Brejo Paraibano

## O Calçadão da Cardoso Vieira e seus anos de história

Um dos pontos tradicionais e mais frequentados é o Calçadão da Rua Cardoso Vieira, localizado no efervescente centro de Campina Grande, lugar de grande visibilidade econômica e acessibilidade, tendo em vista que atravessa as Ruas Venâncio Neiva e Marquês do Herval, onde existem colégios e lojas, o que aumenta o fluxo de pessoas. Nesse espaço, ocorrem os famosos “Boatos do Calçadão”, incluindo discussões acaloradas sobre esportes, política, religião e a vida alheia. Aposentados, visitantes e “desocupados”, como diria Biliu, chegam de todos os lugares e se encontram por lá. Senhores como Genaldo dos Anjos lembram as grandes histórias do local:

Frequento esse espaço todo dia há mais de dez anos! Eu volto pra cá pelos amigos que a gente faz. Tem o futebol que a gente conversa, tem a política, às vezes que eu venho fazer meus pagamentos nas lotéricas. Algumas coisas mudaram pra pior, antes tinham lanchonetes, mas hoje não. Hoje tem a farmácia, isso aí (ambulantes) que não deviam existir (Entrevista no Calçadão da Cardoso Vieira, no dia 05 de maio de 2014).

Na fala do entrevistado fica bastante perceptível que a política é um assunto quase que obrigatório em qualquer roda de conversa naquele espaço. A forma que ela se apresenta no seu relato é sutil.

Mas a praça não é tão cuidada, e por incrível que pareça, o único prefeito que ainda fez alguma coisa, e eu nem tô querendo fazer política, até porque eu nem voto nele, mas que fez alguma coisa, foi Enivaldo Ribeiro. E nós já vamos com quase vinte anos que ele foi prefeito e não foi feito mais nada. Todo mundo que vem à Campina Grande, depois do cafezinho, vem aqui. Agora você veja que desprezo: bancos quebrados, essa danação de engraxate. Há muito tempo era arrumadinho, quem mais olhava essas coisas por aqui era Severino Cabral. Pra você ver, consideravam ele um analfabeto e era o único que fazia alguma coisa (Entrevista no Calçadão da Cardoso Vieira, no dia 05 de maio de 2014).

A senhora Eulina do Egito Araújo, professora estadual aposentada, de 76 anos, que passava pela praça na ocasião das entrevistas, declarou que ali é “um lugar de saudade”:

Hoje, tudo mudou. Muito barulho, muita gente circulando. Muita sujeira no chão também. Hoje é lugar que reúne mais homens do que mulheres. No meu tempo, eram jovens que vinham prá cá pra arrumar namorado. Parece que hoje só se arruma namorado pela internet, né? (Risos). Mas a praça, para pessoas como eu, é um lugar de saudade, que guarda muitas lembranças da minha juventude, do tempo que eu saía da escola, do Colégio das Damas, que continua existindo aí na frente. Tinha um carrinho de pipoca que fazia muito sucesso! A gente saía da aula já pensando em comprar e se reunir comm as amigas debaixo das árvores. Mas não tinha pombo, não, naquela época. Era tudo limpo! Veja você... De tanto vir aqui arranjei casamento! Foi no cinema Capitólio, que ficava ali do outro lado, que eu conheci meu marido, a pessoa que viveu do meu lado por 40 anos! Então, nos domingos, aqui era um ponto de encontro dos casais, que se sentavam nos bancos para tomar sorvete e comentar sobre os filmes que estavam em cartaz no Capitólio. Além de casamento, arranjei emprego, porque me formei na Escola Normal e passei a ensinar nas Damas... Na escola que eu havia estudado! É muita lembrança... Acho que esses lugares devem estar cheios de fantasmas passeando e recordando o passado... (Disse em tom de nostalgia). (Entrevista no Calçadão da Cardoso Vieira, no dia 05 de maio de 2014).

Esses diálogos nos mostraram que áreas urbanas como o Calçadão e a Praça sofreram mudanças significativas com o passar dos anos, e nem sempre positivas. Isso permite a indagação: por que apesar de problemas de ordem estrutural e de segurança, as pessoas voltam a lugares como esses todos os dias? E as justificativas que ouvimos trazem a compreensão de que é o lugar por si mesmo e o passado que evoca que criam o reconhecimento, a familiaridade, o sentimento de pertença ao local, que passa a ser visto como parte de suas histórias.

Dentre as reclamações e avaliações das mudanças nesses ambientes, o senhor Marcelo Ribeiro elencou os problemas de hoje, que segundo ele, tiram a beleza e “mancham” a história do passado:

Aqui falta tanta coisa, falta conforto, falta policiamento, aqui vive menor abandonado, aqui só tem coisa ruim, a maioria aqui o povo é tudo ladrão, é tudo desmantelado aqui, falta ter uma administração boa que não tem, e os políticos que têm, não valem nada! (Diz em tom de desabafo!). Porque se fosse pra fazer isso aqui, já tinha feito. Todo dia eu tô aqui, desde que inventaram esse calçadão que eu vivo por aqui. Em casa a pessoa não tem divertimento nenhum. Eu já tô aposentado, aí eu venho ter um lazer, conversar com os amigos, porque eu só tenho lazer aqui mesmo. Aí fico aqui até mais ou menos onze, doze horas, aí pronto. Vou pra casa. Já não venho mais, só venho de manhã. No passado, naquela época, as coisas eram melhor, aqui nesse setor as coisas mudaram demais (Entrevista no Calçadão da Cardoso Vieira, no dia 05 de maio de 2014).

As pessoas de mais idade preferem os contatos interpessoais, as conversas diárias, o “estar junto”, para elas, é que permite a interação, o lazer, o convívio, a partilha de saberes, os laços de amizade. Para eles, ver o simples passar do tempo, fora de casa e em contato com os amigos, já são razões para ter alegria. As pessoas que dedicarem ao menos 20 minutos para observar locais como esses, terão tempo suficiente para ver que a vida, as pessoas, as falas, a cidade e a história mudam constantemente, contando a memória e construindo vínculos entre as pessoas e os espaços.

## **Considerações finais**

A partir da construção coletiva ou individual da memória, é possível compreender a dinâmica da interação social em suas relações com o passado. Assim, os espaços urbanos carregam consigo uma carga simbólica que não se apaga com as mudanças do tempo. A vivência diária em qualquer ambiente nos faz exercitar a memória individual, seja do lugar, dos acontecimentos, das pessoas, criando os laços de afeto e de convivência. Vivência que ajuda a preservar o passado como elemento constituidor da história e das identidades coletivas.

Os ocupantes dos espaços urbanos pesquisados compõem um público em sua maioria do sexo masculino, com idade avançada e que preserva hábitos bastante tradicionais, como ler o jornal diário, frequentar os cafés e alimentar os pombos, se traçarmos um paralelo com a presença imperativa das tecnologias de comunicação na sociedade contemporânea, que propiciam o isolamento e as individualidades, em função de não requisitarem deslocamentos. Essas pessoas, ao contrário, saem de seus lares porque desejam o encontro presencial. São saudosistas que lembram os tempos em que

atuavam no mercado de trabalho, porque hoje geralmente são amparadas pelas aposentadorias. Todavia, encontramos também médicos, professores, advogados, políticos, artistas, comerciantes e autônomos, nem sempre com dificuldades socioeconômicas, mas que ali buscam compartilhamento e afetividade. Juntos todos se misturam e localizam afinidades para além do ofício que exerceram no passado.

Desse modo, através dessa pesquisa, buscamos ressaltar a percepção dos espaços públicos como formadores de percepções históricas, o que transmite ao nosso trabalho um cunho interdisciplinar, ao privilegiar a interface Comunicação e História. A memória social se constrói ao longo de muitas gerações de indivíduos mergulhados em relações determinadas por diferentes estruturas, tendo, portanto, um caráter transgeracional. Nesse sentido, os resultados mais significativos apontam que a sociedade conserva seus hábitos e tradições, ainda que as novas tecnologias de comunicação afastem os indivíduos dos contatos interpessoais. Os relatos dos idosos indicam que os espaços urbanos, mais do que nichos de proximidade física representam simbolismos que resistem ao tempo, narrando a história e o passado da cidade, mantendo vivas a memória e a trajetória dos lugares.

## Referências

ARÉVALO, Marcia Conceição da Massena. **Lugares de memória ou a prática de preservar o invisível através do concreto.** Mariana – MG. 2004.

MESENTIER, Leonardo Marques de. **Patrimônio urbano, construção da memória social e da cidadania.**

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Trad. Yara Aun khoury. Projeto História. Revista de Pós-Graduação em História. São Paulo, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano.** 4. ed. Pelotas/RS: Editora da UFPEL, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** 5. ed. Rio de Janeiro, 1992.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. VELÔSO, Thelma Maria. **Oralidade e Subjetividade: os meandros infinitos da memória.** Campina Grande/PB. 2005.

## Sites

Portal Retalhos históricos de Campina Grande, **O calçadão de Campina Grande.** Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/11/o-calca-dao-de-campina-grande.html#.U35ExXJdUXA> . Acesso em: 09 de maio de 2014.

Portal Shvoong.com, **O que é memória.** Disponível em:

<http://pt.shvoong.com/medicine-and-health/neurology/1617140-que-%C3%A9-mem%C3%B3ria/>. Acesso em: 17 de maio de 2014.